

## MEMÓRIA E NARRATIVAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DO SUDOESTE DO PARANÁ (1940-1990): O CASO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE FRONTEIRA

CARINE DA SILVA<sup>1,2\*</sup>, RONALDO AURÉLIO GIMENES GARCIA<sup>3</sup>

### 1 Introdução

A história da educação da região do sudoeste do Paraná nos instiga a investigar sobre vários temas, especialmente no que se refere a constituição da escola e da formação de professores. Dessa forma o presente projeto tem por objetivo investigar a história das escolas do campo e urbanas e a formação de professores a partir de suas memórias, condições de trabalho e práticas pedagógicas. A metodologia do presente projeto é de caráter qualitativo e envolve o emprego dos instrumentos da história oral (FERREIRA et al, 1998).

A pesquisa, a partir das narrativas, foi realizada com professores e ex-professores que rememoraram sua trajetória de formação e sua constituição enquanto docente da Educação Básica. Juntamente com a realização das entrevistas, os colaboradores disponibilizaram alguns materiais como fotografias, livros didáticos e cadernos. Nesta edição do projeto conseguimos realizar dez entrevistas. No decorrer das mesmas, convidamos os sujeitos a relatar sobre suas vivências e experiências no passado como estudantes, sua trajetória docente e as características do sistema de ensino das escolas, das relações professor-aluno, das condições de trabalho e das práticas docentes de seu tempo (MARTINS, 1986).

Durante as entrevistas, podemos observar na narrativa dos entrevistados algumas categorias convergentes como as dificuldades e os desafios presentes nas escolas no campo, as dificuldades de formação, a forte presença de professores leigos, a influência da igreja na constituição e formação docente e o importante papel desses profissionais nas comunidades isoladas do interior dos municípios. Cada professora e professor apresentou vivências com experiências diversas, mas também singulares que revelam toda a subjetividade da ação docente em um contexto de ocupação e expansão da fronteira sul do Brasil.

1 Graduada de Letras Português/Espanhol, UFFS *campus Realeza PR*, contato: ragimenesgarcia@gmail.com

2 Grupo de Pesquisa: TRIPEC (Trans/formação Inicial, Continua e Continuada de Professores)

3 Doutor em Educação, UFFS, **Orientador**.

## 2 Objetivos

- Investigar a história da formação de professores da região sudoeste do Paraná (municípios da região de fronteira) a partir de suas memórias, narrativas, das epistemologias de suas práticas pedagógicas e da constituição da escola.
- Levantar e registrar fontes primárias e secundárias sobre a educação do campo e urbana da região.
- Colher e registrar a memória da comunidade escolar da região por meio de coleta de depoimentos orais, narrativas escritas e áudios de professores e ex-alunos.
- Identificar práticas pedagógicas e elementos que permitam elucidar a epistemologia das práticas docentes.
- Contribuir com os estudos sobre a constituição da escola na região, bem como as condições para a atuação do professor.
- Traçar o perfil de formação dos docentes que atuaram nas escolas dos municípios de abrangência da pesquisa.
- Publicizar o resultado das análises no formato de livro e/ou artigos científicos.

## 3 Metodologia

Ao longo da pesquisa, todos os colaboradores foram selecionados aleatoriamente entre os respectivos municípios de abrangência da pesquisa.

Para a realização das entrevistas utilizamos dois procedimentos da história oral em duas modalidades: relatos ou história de vida (Ferreira et al, 1998). No caso dos relatos os participantes são provocados a lembrar de fatos, episódios ou situações as quais vivenciaram. Já no caso das histórias de vida, o objetivo é a realização de uma entrevista mais longa com mais de um encontro, preferencialmente, no formato presencial. Isso para que o colaborador tenha mais tempo de se lembrar do que vivenciou com maior riqueza de detalhes. Dado o tempo e a disposição dos envolvidos. Todas as narrativas e depoimentos serão gravados em áudio e/ou vídeo e também na forma escrita se assim o colaborador se sentir mais confortável.

## 4 Resultados e Discussão

Na vida das comunidades, especialmente do meio rural. Os contatos humanos mais próximos e constantes faziam com que a distância entre a escola e a comunidade praticamente inexistisse. Além disso, era preciso considerar que a vida no campo contribuía para que as

peças tivessem ações mais coletivas e de cooperação, uma vez que as dificuldades de sobrevivência exigiam um envolvimento maior entre todos. A escola, ao lado da igreja era um espaço de convivência importante e a presença destas instituições deveria envolver o esforço dos moradores locais para sua instalação e manutenção. Apesar dos municípios pagarem os salários dos professores, a instalação das escolas ficava a cargo das comunidades rurais. A participação dos pais e responsáveis na vida escolar envolvia também a aprendizagem das crianças, como consta no relato abaixo:

Dificuldade que nem eu disse... A minha maior dificuldade foi a falta de formação própria pro trabalho de professora. Depois com o tempo, com vários cursos que a gente fez e coisa, daí já ajudou bastante. E uma coisa, naquela época o ensino não era como hoje, ele era bem diferente. Porque a tua meta na sala de aula de primeira à quarta série era qual? Leitura, as quatro operações diziam. É o que os pais, principalmente do interior, queriam: leitura e as quatro operações bem que os alunos aprendessem (Professora Magnólia).

Aqui é importante esclarecer que o termo “interior” empregado pela participante da pesquisa, referia-se às comunidades rurais. Na verdade, o termo refere-se ao interior do município. Esta menção aparece com muita frequência nos relatos. Além disso, os professores destacam em suas falas as dificuldades que encontravam na época, uma vez que não havia material didático e nem apoio pedagógico (Lopes, 2008). Além dos problemas relacionados com a ausência de formação adequada, reconhecidos pelos gestores municipais em diferentes documentos, havia também dificuldades para a aquisição de material pedagógico. Isso fazia com que os docentes, de acordo com suas condições, improvisassem e fizessem o possível para manter a sala de aula funcionando. Os professores e as professoras realizavam todas as atividades necessárias no cotidiano da escola, sozinhos ou com o apoio dos próprios alunos, ou seja, eram docentes, merendeiros, zeladores, diretores e pedagogos. Apesar das condições adversas, os profissionais da educação deixavam claro que as dificuldades não os desanimavam. O que de fato contava era responder às expectativas das comunidades no que dizia respeito ao papel da escola.

Em 81, quando comecei a dar aula, eu comecei dentro de um galpão. Então não tinha escola. A escola, começaram e não terminaram. Ai nada vinha, nada vinha, e resolvemos se adiantar e a gente começou a dar aula dentro de um galpão. Dividimos o milho para um lado e a escola pro outro. Daí eles se apressaram com a escola... Daí a gente passou para a escola [...] Na época, a escola não era pintada, o soalho era branco, o pátio era grande. A água para a gente buscar dava uns 200 metros e tinha que dar aula multisseriada, ser merendeira e ser servente, ser

professora, servente, mãe, psicólogo. Tudo até a limpeza, tudo a gente. (Professora Jasmim).

A gente não tinha servente, zelador. A gente lavava, fazia limpeza, a higiene do colégio tudo com os alunos. Nós tirávamos a água do poço com corda. Final de semana todo mundo ajuda. Era, a gente fazia mutirão. Sexta-feira após as aulas nós limpávamos a sala de aula, tudinho e durante a semana com os alunos a gente fazia com escala. Cada professora pra limpar, deixar tudo organizadinho, e nosso material didático na realidade era nossa motivação professor e aluno (Pausa) (Professora Rosa).

Durante as entrevistas, pode-se observar nos relatos dos entrevistados alguns pontos convergentes como as dificuldades e os desafios presentes nas escolas no campo. No entanto, o papel da escola, era muito importante não apenas por oferecer acesso, ainda que precário, ao conhecimento, mas também um espaço de reunião e de participação da comunidade que ali se encontrava para celebrações, festas, cursos ou mesmo para cultivar os laços de amizade e convívio das famílias. O professor ou a professora atuavam como figuras de autoridade e de representante do Estado.

Eu acho que talvez a proximidade se deu... A localização... Porque daí eram criadas quadras de esporte para as crianças brincarem e daí, ao mesmo tempo, o pessoal se reunia nas igrejas final de semana, canchas de bocha. Ficava bem próximo. Mas o professor era um líder na comunidade. Então ele participava em tudo, liturgia, clube de mães, tudo o que houvesse o professor era sempre um líder (Professora Begônia).

Muito do que aparece nos relatos acima está comprovado nos documentos. No Relatório da Administração do Prefeito de Francisco Beltrão Deni Lineu Schwartz (1969-1973) consta que vários esforços estavam sendo feitos para por fim às escolas isoladas, que na perspectiva da administração, não satisfazia as necessidades daquele período. Propunha-se como saída a criação de Centros Escolares, nos quais “pais, professores e alunos possam discutir e juntos procurar soluções para os problemas locais” (1973, p. 85). Além disso, a criação dos centros tinha por objetivo instituir as Associações de Pais e Professores (para a manutenção das escolas), instalar salas do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), cursos de corte e costura, organizar o currículo e o calendário escolar e a criação dos Clubes Agrícolas com o objetivo de informar o produtor rural sobre novas técnicas agrícolas. Tudo isso indicava que os administradores locais identificavam o papel importante que tinha as escolas nas comunidades do campo e investiam nesta direção. Outro aspecto a ser ressaltado era o papel de liderança que os professores exerciam nos espaços rurais. Eram eles e, na maioria das vezes elas, as professoras, quem coordenavam ações que envolviam não só a manutenção das esco-

las, mas outras funções como celebrar festas, conduzir novenas e rezas e aconselhar as pessoas com as mais diferentes demandas.

## 5 Conclusão

A pesquisa revelou importantes aspectos que deixam entrever um pouco da prática docente e da concepção de mundo, de sociedade, de homem e de educação que se materializava nas ações, nas práticas de sala de aula e também nos discursos. Desta forma, a memória, embora sujeita a esquecimentos, invenções e até mesmo imaginações, exprimem muito do contexto em que está inserida e das relações que estabelecem com os demais sujeitos. Por esse motivo, ela não pode ser tomada como algo pronto e que se basta a si mesmo. Como toda fonte, a memória também se insinua e lança algumas frestas de luz sobre o desconhecido, mas nunca revela a sua totalidade. Esta precisa ser constantemente perseguida, embora sempre de forma provisória e cheia de contradições, como aliás, é próprio do conhecimento científico. Ir pouco além do que as lembranças, nos permitem vislumbrar o desafio deste e tantos outros trabalhos que procuram indícios, marcas, detalhes, como disse Ginzburg (1989), de como eram aqueles que nos antecederam no tempo.

## Referências Bibliográficas

FERREIRA, Marieta de Moraes *et al.* **Entrevistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LOPES, Sonia de Castro. **Imagens de um lugar de memória da Educação Nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930.** Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

MARTINS, Rubens da Silva. **Entre Jagunços e Posseiros.** 1º Ed. Curitiba, 1986  
RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO ENGº. DENI LINEU SCHWARTZ: Gestão 1969-1973. Francisco Beltrão – PR, 1973.

**Palavras-chave:** Formação de professores; prática docente; memórias; Educação Básica; história da educação.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES 2021 - 0275

**Financiamento:** Fundação Araucária